

# Projetar o devir na beira da Praia do Futuro

To project the becoming on the border of  
Praia do Futuro

Proyectar el devenir en el costero de la  
Praia do Futuro

Recebido em 25-08-2021

Modificado em 05-11-2021

Aceito para publicação em 16-12-2021

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i2.39256>

---

 **Daniel Paiva de Macêdo Júnior**

Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bolsista CAPES e pesquisador no Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. E-mail: [daniel.3macedo@gmail.com](mailto:daniel.3macedo@gmail.com)

269

---

## Resumo

A cidade de Fortaleza se faz em torno da praia e, assim, esta espacialidade remonta a projetos múltiplos que coadunam a narrativa comercializada pelo turismo e os imaginários partilhados pela população que ali habitam. Entendendo que estas perspectivas coexistem, se confrontam e conferem potência diante da produção de imagens como expressão de imaginários, este trabalho se faz em ação de campo orientada em vínculos de proximidade e de afetividade na Praia do Futuro durante os anos de 2014, de 2016 e de 2019, a fim de versar, a partir de poéticas visuais, uma perspectiva sobre a espacialidade à luz de experiências erráticas. Em dinâmica curatorial, são expostas fotografias sobre a relação entre infância e praia.

Palavras-chave: Antropologia urbana; antropologia visual; Praia do Futuro; fotografia; infância.

---



Sertanejo radicado em Fortaleza e tendo a Praia do Futuro como um dos espaços orientados ao convívio e à partilha entre perfis de distintos pontos da cidade, é certo que sou atravessado por afetações e memórias acionadas a cada momento em que me somo ao mar de gente. A experiência de viver na metrópole me dota de propósitos políticos e estéticos que, nos rumos da pesquisa em registros visuais, toma forma na ação de campo e entranha minhas percepções sobre a cidade. Por isso, em movimentos de pesquisa, me amparo nas lições em antropologia urbana ensinadas por Magnani (2002:25) que propõe relações de aproximação e que admite o exercício do afeto como termômetro na ação em campo para, assim, tomar a fotografia como gesto de inscrição das afetações, segundo orientação de Martins (2016).

Tomo o afeto, nos termos de Moriceau (2020:64), como um gesto de evasão à neutralidade, entendendo que se trata de uma abertura capaz de pôr em comunicação, de abalar, de tocar e/ou de atingir fundamentos e, assim, movê-los. Afetar-se, logo, é produzir uma experiência.

Moriceau (2020:30) é cirúrgico ao advogar a potencialidade das experiências em dismantelar as cristalizações das representações. Assim, valorizo as premissas contidas nos atravessamentos, em abandono a uma compreensão monolítica sobre espacialidades, ao adotar como orientação teórico-metodológica a iniciativa de abrir o peito à maresia e deixar viver os ensinamentos do campo e dos sujeitos que se permitiram à interação. Logo, oriento-me em intervenção que desmonta o lugar de diferença imposto pela alcunha de ‘jornalista’ e de ‘fonte’ ao assumir o local que me é próprio, enquanto sujeito transitório na Fortaleza; e o ato fotográfico como ação comum que compõe a ritualística contemporânea em zonas de consumo. Deste modo, me pauto na valia em construir percurso composto em temporadas de campo ocorridas de maio a julho de 2014, de 2016 e de 2019 na Praia do Futuro, em Fortaleza.

A decisão pelo *locus* considera a referência em Magnani (2002:14) ao delimitar um terreno micro, a fim de possibilitar uma percepção que se faz de perto e de dentro. Desta forma, é possível confrontar-se com o imaginário que pautava aquele lugar como um espaço comum, público, partilhado e um dos mais potentes pontos de encontro entre aqueles que compõem a cidade, ofuscando, ao posicionarmos a experiência em campo, as aporias e os embates que coexistem e conformam a espacialidade.

Como orienta Magnani (2002:20), olhar ‘de perto e de dentro’ não deve sucumbir num gesto de individualidade. Por isso, como prática de equilíbrio, a atuação no campo se deu em volta às experiências que – do meu lugar – se faziam cotidianas e, assim, admitindo observações e interações como algo inerente à prática da espacialidade. Este lugar é comum à compreensão compartilhada por Martins (2016:12), no qual não há pesquisa em ciências humanas sem

interação entre agentes envolvidos por entender a dinâmica de produção fotográfica como ato compartilhado sob lógicas e finalidades distintas, sendo o registro uma expressão desta relação.

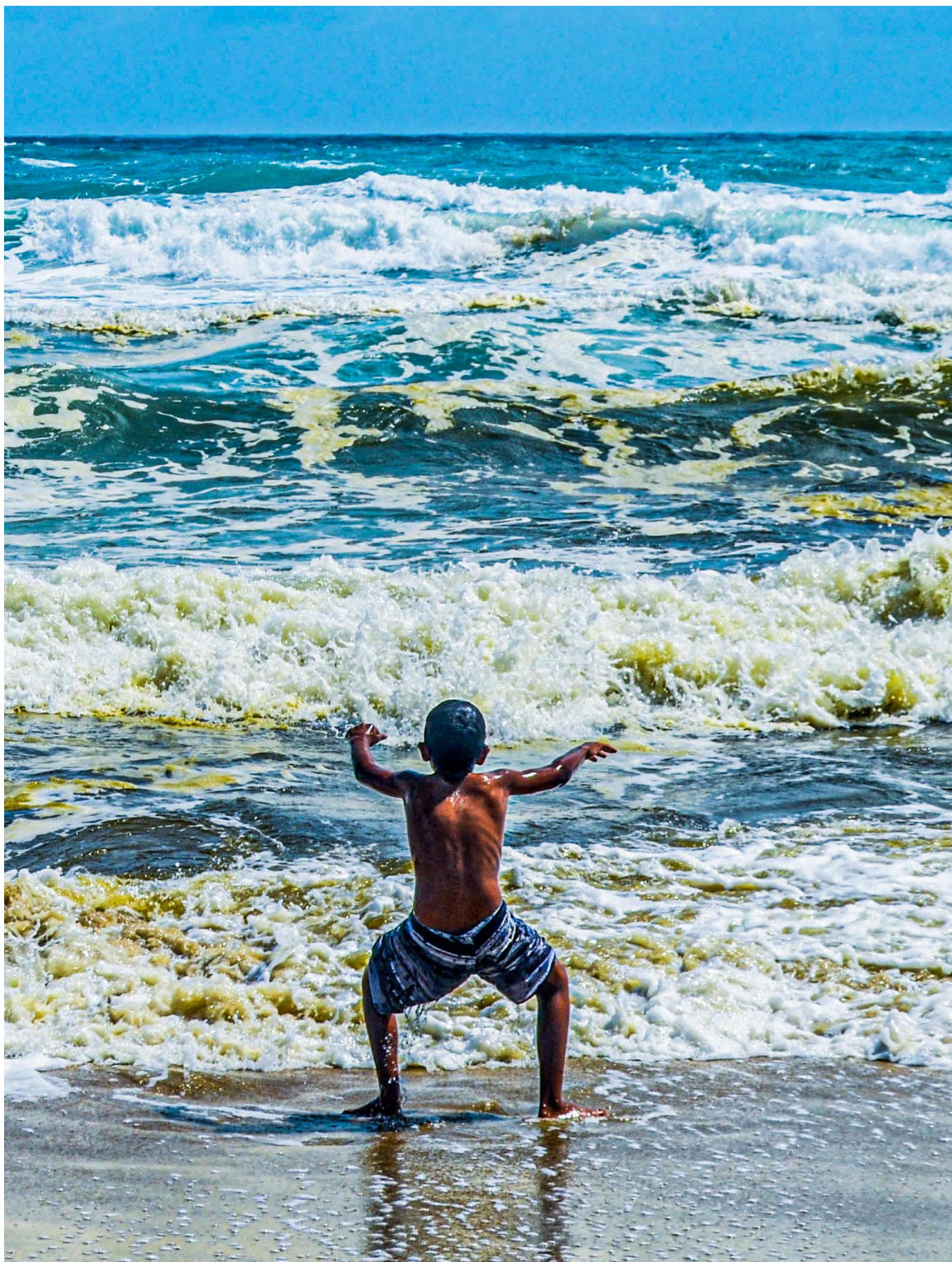
A prática de campo consiste na experiência em trajetos nos termos de Magnani (2002:23) e, nisto, constituir-se em percursos erráticos que sem pré-definições permitem percorrer o banco de areia, os espaços públicos e de convívio social no *locus*, produzindo registros sem fixar-me em um ponto. Assim, na medida em que compunha o território, registrava os perfis e ambiências que me despertavam atenção e afetos. Para isso, estive em campo sempre munido de uma Nikon D5100 e duas lentes, sendo: uma AF-S DX NIKKOR 18-140mm f/3.5-5.6G de oscilação de grande angular à telefoto; e uma AF NIKKOR 50mm f/1-1.8D. Aqui, vale a “observação imediata” das cenas urbanas e efêmeras, como nos ensinara Benjamin (1996:103) e, por consequência, ação orientada a obter registros que, descontínuos, conjugam a poética única dos ritos triviais.

Tomar parte importante da urbe como objeto de atenção fotográfica não é exclusivo a estes esforços. Trata-se de um capítulo diante do fluxo na cena contemporânea que, em detrimento da larga tradição documental cearense, na qual “a cidade e a cultura urbana pareciam não existir, não ter vida no mundo das imagens” (Reis Filho, 2017:111), passa a compor foco de projeção na última década.

Com câmeras em punho, o clique não é um ato efêmero. Denotar atenção à ação fotográfica é tratar com centralidade os escritos de Martins (2016:11) ao advogar que o fotógrafo se pauta na imaginação para travar composições estéticas como marca da “expressão e momento do ato de conhecer a sociedade com recursos e horizontes próprios e peculiares”. Esta percepção também é compartilhada por Flusser (2017:132) que, de modo sistemático, propõe que a ação fotográfica “precisa primeiro imaginar, depois conceber, para, por fim, poder ‘imaginar tecnicamente’”, sendo o manejo da maquinaria e o produto do processo alguns dos componentes da mecânica imaginária. Nisto, não se busca, com essa dinâmica, apontar uma narrativa totalizante sobre a Praia do Futuro, mas versar uma possibilidade de leitura articulada em poéticas visuais que, no todo, dizem mais sobre a minha experiência do que sobre a complexidade daquele lugar.

Diante das fotografias ali realizadas, dispõe-se neste trabalho uma curadoria em torno das imagens em que a figura de crianças toma lugar de agente nos contornos da Praia do Futuro.

















275









Diante do método curatorial, temos, nas imagens dispostas, a partilha da leitura das experiências do fotógrafo com o campo. Constituem-se como um convite à imersão no espaço e, fruto de outras observações, a instar o desenvolvimento de outras imagens em tons de convergência ou divergência narrativa sobre o espaço.

Não proponho, aqui, uma discussão pormenorizada de natureza simbólica ou discursiva contida em cada imagem, por entender que são produções realizadas sob intencionalidade que se volta à experiência, aos trânsitos em detrimento do aspecto estético. Nisto, amplio o convite ao diálogo, a fim de denotar a coexistência de outras inferências e imaginários conjugados por quem também pratica e compõe a Praia do Futuro

Leio essas fotografias como textualizações de participação ativa no espaço. Mais que isso: são atestados das ações que me afetam a partir da imersão nas ruas e, aqui, versadas em linguagem visual. As fotografias expostas, para além de retratos da territorialidade, conjugam uma faceta sobre as práticas sociais e culturais inerentes a um ambiente complexo e notório em contradições características de uma metrópole. Não são, entretanto, totalizantes. Ainda que o método em largo tempo e a experiência curatorial buscam identificar, nos montantes de imagens, as experiências comuns, estas revelam impregnações das afetações que vivemos no espaço e, nisto, desvelam um imaginário. Não à toa, outras experiências de pesquisa calcadas em método equivalente podem revelar outros tonais para perceber a Fortaleza.

277

## Referências

- BENJAMIN, Walter (1996), *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.
- FLUSSER, Vilém (2017), *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo, Ubu Editora
- MAGNANI, José (2002), “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. XVII, pp. 11-29 [Consult. 03-08-2021]. Disponível em [scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/](http://scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/)
- MARTINS, José (2016), *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo, Contexto.
- MORICEAU, Jean-Luc (2020), *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte, FAFICH/Selo PPGCom UFMG.
- REIS FILHO, Osmar (2017). “Imagens insurgentes: notas sobre a fotografia urbana no Ceará”. *Discursos fotográficos*, v. XIII, pp. 107-127 [Consult. 03-08-2021]. Disponível em [dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n22p107](https://doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n22p107)

---

### Abstract

---

The city of Fortaleza is built around the beach and, thus, this spatiality remounts multiple projects that match the narrative commercialized by city marketing; and the imaginaries shared by the population that live there. Understanding that these perspectives coexist, confront each other and confer power in the face of the production of images as an expression of imaginaries, this work is carried out in a field action guided by bonds of proximity and affection in Praia do Futuro during the years of 2014, 2016 and of 2019 in order to deal with visual poetics a perspective on spatiality in the light of erratic experiences. In a curatorial dynamic, photographs of the relationship between childhood and the beach are exhibited.

Keywords: Urban anthropology; visual anthropology; Future beach; photography; childhood.

---

### Resumén

---

La ciudad de Fortaleza se construye alrededor de la playa y, así, esta espacialidad remonta múltiples proyectos que encajan con la narrativa comercializada por el marketing de la ciudad; y los imaginarios compartidos por la población que vive allí. Entendiendo que estas perspectivas conviven, se confrontan y confieren poder frente a la producción de imágenes como expresión de imaginarios, este trabajo se realiza en una acción de campo guiada por lazos de proximidad y afecto en Praia do Futuro durante los años de 2014, 2016 y 2019 para abordar la poética visual una perspectiva de la espacialidad a la luz de experiencias erráticas. En una dinámica curatorial, se exhiben fotografías de la relación entre la infancia y la playa.

Palabras llave: Antropología urbana; antropología visual; Playa futura; fotografía; infancia.

---